

O SISTEMA FONOLÓGICO DAS LÍNGUAS ÉLFICAS COMPARADO AO DE LÍNGUAS INDO-EUROPÉIAS

Livy Maria Real Coelho¹

RESUMO

Este artigo propõe-se a verificar a acuidade tomada por Tolkien na criação de idiomas fictícios. O famoso autor, também lingüista, se propõe a inventar idiomas de acordo com seu gosto pessoal e o faz, aparentemente, de forma muito rigorosa, levando em conta inúmeros aspectos das línguas naturais. Para perceber se, de fato, tais línguas fictícias são tão complexas e cuidadosamente criadas a ponto de funcionarem tão perfeitamente como uma língua real, tomaremos alguns aspectos fonológicos e compararemos sua realização em duas línguas tolkienianas (élfico primitivo e quenya) e em algumas línguas indo-européias, como o grego clássico e o proto-indo-europeu.

Palavras Chaves: Fonologia; Comparação, Línguas Élficas, Línguas Indo-Européias; Tolkien.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca uma comparação entre línguas élficas e línguas naturais. Por línguas élficas entende-se o conjunto de idiomas criado por John Ronald Reuel Tolkien (1892 –1973) que serve de linguagem para os elfos de sua literatura. Elfos são criaturas da mitologia européia (germânica, nórdica e celta) que aparecem com diferentes traços em cada uma das narrativas que habitam. Na obra de Tolkien os elfos são criação de *Illúvatar*, “o Um”, que os fez para serem a raça mais bela e sábia do mundo. Eram uma raça imortal, porém de estrutura semelhante à dos homens.

Tolkien, o autor da famosa trilogia “O Senhor dos anéis”, foi um importante filólogo para seu século e deu aulas de Inglês Médio em Oxford. Criou, como passatempo, uma família de línguas de acordo com suas preferências pessoais relativas, por exemplo, à sonoridade ou à estrutura sintática. O autor acreditava que as línguas deveriam ser “belas” e seu critério de beleza era seu próprio gosto. Assim, criou línguas que, para ele, soavam bem e possuíam estruturas morfossintáticas especiais. Nota-se quais eram as preferências de Tolkien ao adentrar no universo das línguas: é gritante o uso de nasais e líquidas e de estruturas não canônicas como o dual.

¹ Livy Maria Real Coelho é

Dentro da criação de Tolkien encontram-se 12 línguas com pelo menos algum tipo de fragmento ou indicação de sua estrutura, das quais duas, o *Quenya* e o *Sindarin*, são completas a ponto de se poder falar ou escrever nelas. Existem outras línguas que Tolkien apenas nomeou, mas não chegou a desenvolvê-las.

Neste trabalho, opto por abordar especialmente o *élfico primitivo* (doravante EP) e o quenya. Minha escolha é baseada na estrutura da família élfica criada por Tolkien: o EP é a hipotética língua-mãe que teria originado todas as outras, tal qual é o proto-indo-europeu (PIE) para a família das línguas indo-européias, como o grego e o latim.

Tolkien criou antes as línguas faladas no Senhor dos Anéis e a partir delas montou o que seria sua proto-língua. O próprio filólogo asteriscava² as formas do EP, dado que, tomando a família élfica como real, o EP teria um estatuto diferente das demais, seria não atestado.

Minha outra opção, o quenya, é explicada em razão da quantidade de informações que temos sobre essa língua. Em quenya, temos dados de todos os níveis lingüísticos, diferente do EP que tem raros dados sintáticos disponíveis. É também essa não disponibilidade de dados em todos os níveis lingüísticos que me faz optar pelo nível fonológico neste trabalho.

METODOLOGIA

Então, para comparar estas línguas, defini determinados aspectos fonológicos bem descritos nas línguas tolkienianas (como seu sistema vocálico e a distribuição de suas oclusivas) e busquei em línguas indo-européias estruturas semelhantes.

Geralmente me baseio em informações dos estudiosos das línguas élficas, como Fauskanger, autor do curso básico de quenya (2004). No entanto, não tomo todas as suas descrições, uso, sim, seus exemplos, os dados já levantados; pois entendo que esses estudos, embora de alguma validade, tenham pouca serventia se adentrarmos o universo das línguas tolkienianas por uma via lingüística. A maioria das descrições é feita por leigos que

² Formas de línguas hipotéticas, como o EP e o PIE, geralmente vêm antecedidas por um asterisco (*). Esse símbolo significa também que a expressão nunca foi atestada em qualquer documento. Neste trabalho, como apontamos de antemão serem o PIE e o EP línguas hipotéticas, não asteriscamos as formas, até porque dados do EP não são atestados, mas são criados pelo autor, assim como todas as outras formas de todas as outras línguas por Tolkien inventadas.

ignoram nomenclaturas e teorias lingüísticas, sendo feita, em geral, a partir da intuição do falante.

Já as línguas reais foram buscadas a partir do que encontrei nas línguas fictícias. O uso do PIE explica-se por este ter o papel equivalente ao do EP, porém pelo fato do EP ser uma língua hipotética, as teorias concorrentes discordam em determinados pontos de sua gramática (como, por exemplo, a questão das vogais proto-indo-européias). Aqui adoto a leitura de Calvert Watkins (2002). Watkins apresenta uma estrutura para a língua que não é a mais tradicional e aborda também algumas questões como a hipótese glotática, mesmo que faça isso de forma mais rápida e concisa. Não entramos na questão da formação do PIE neste trabalho também para fugir das várias hipóteses que há, como a da árvore genealógica ou a Wellentheorie³ Assim, tomamos como base a reconstrução de Calvert Watkins (2002).

ASPECTOS FONOLÓGICOS

Para esta comparação tomo três aspectos: sistema vocálico, distribuição das oclusivas e casos de alofonia.

I. SISTEMA VOCÁLICO

PIE	EP	Quenya	Grego
[a]	[a]	[a]	[a]
[a:]	[a:]	[a:]	[a:]
[e]	[e]	[e]	[e]
[e:]	[e:]	[e:]	[e:]
[i]	[i]	[i]	[i]
[i:]	[i:]	[i:]	[i:]
[o]	[o]	[o]	[o]
[o:]	[o:]	[o:]	[ɔ:]
[u]	[u]	[u]	
[u:]	[u:]	[u:]	[u:]

³ Teoria das ondas, J. Schmidt (1987) in Villar.

PIE	EP	Quenya	Grego
			[y]
			[y:]
			[ɛ:]

Tabela 1: Sistema Vocálico do EP, PIE, grego e quenya

É notável que das línguas trabalhadas, somente o grego tem seu sistema vocálico diferenciado. Outras línguas do período, como o latim, também tinham seu sistema vocálico baseado em 5 vogais com a contraposição longa/breve. Assim, era esperado que Tolkien preferisse utilizar o padrão mais regular em suas línguas, até porque tal padrão é o mais comum nas línguas do mundo.

Já no século IV d.C., o sistema vocálico do grego já tinha se simplificado a ponto de ter apenas as cinco vogais, sem distinção de quantidade. Tal sistema ocorre também no latim tardio e em algumas línguas élficas, como no *avarin*⁴.

Note a realização das vogais abaixo:⁵

	PIE	EP	QUENYA
A	/alb ^h o/ (branco)	/ereqa/ (isolado)	/ela/ (veja)
A:	/sa:lo/ (salgado)	/erja:/ (sozinho)	/na:/ (é)
E	/nem/ (dar)	/elen/ (estrela)	/me/ (nós)
E:	/we:do/ (molhado)	/stambe:/ (quarto)	/callie:re/ (brilhou)
I	/nido/ (toca)	/ninkwi/ (branco)	/amil/ (mãe)
I:	/wi:so/ (veneno)	/khi:na:/ (criança)	/ki:ra/ (navegar)
O	/g ^l onu/ (joelho)	/kwentro/ (narrador)	/ambo/ (colina)
O:	/g ^l o:nwih/ (canto)	/moroko:/ (urso)	/xo:n/ (coração)
U	/putlo/ (menino)	/kelun/ (rio)	/amu/ (para cima)
U:	/mu:s/ (rato)	/ndu:ne:/ (pôr-do-sol)	/antu:lien/ (retornou)

Tabela 2: Ocorrências das vogais em EP e PIE

⁴ O *avarin* possui apenas as vogais breves: (EP) kwendī > (Avarin) kindi (elfos).

⁵ Note também que nas transcrições apresentadas nesse trabalho, não marco o acento de intensidade. Isso porque os dados de línguas hipotéticas nem sempre trazem essa informação.

GREGO	
[a]	/delta/ (delta)
[a:]	/skia:s/ (sombras)
[e]	/esti/ (é)
[e:]	/zde:ta/ (sdéta)
[i]	/kai/ (e)
[i:]	/paidi:on/ (criança)
[o]	/epsilon/ (epsilon)
[ɔ:]	/ɔ:mega/ (Omega)
[u:]	/u:den/ (nada)
[y]	/ep ^h ygon/ (fugi)
[y:]	/ty:k ^h ɛ/
[ɛ]	/ty:k ^h ɛ/
[ɛ:]	/h ɛ:/ (a)

Tabela 3: Realização das vogais no grego

II. OCLUSIVAS

Com relação à distribuição das oclusivas nas línguas élficas, Tolkien, caso se propusesse, de fato, a criar suas línguas em função das clássicas, também parece ter atingido seu objetivo. Usou determinada disposição já encontrada nas línguas reais, e criou sua evolução também dentro do foneticamente esperado, mesmo que nem sempre essa evolução seja exatamente igual a que ocorreu nas línguas gregas. Note abaixo a disposição das oclusivas do EP e do grego.

	Surda	Sonora	Surda aspirada
Labial	/p/	/b/	/p ^h /
Alveolar	/t/	/d/	/t ^h /
Velar	/k/	/g/	/k ^h /

Tabela 4: Oclusivas do EP e do grego

Observem-se os exemplos:

GREGO			EP			
	<i>Surda</i>	<i>Sonora</i>	<i>Surda aspirada</i>	<i>Surda</i>	<i>Sonora</i>	<i>Surda aspirada</i>
Labial	/pajdewo/ (<i>educo</i>)	/basilews/ (<i>rei</i>)	/p ^h jsik ^h é/ (<i>alma</i>)	/parma:/ (<i>livro</i>)	/r:aba/ (<i>selvagem</i>)	/p ^h inde: / (<i>cabelo</i>)
Alveolar	/panta/ (<i>tudo</i>)	/did ɔ mi/ (<i>dar</i>)	/t ^h eos/ (<i>deus</i>)	/stinta:/ (<i>curto</i>)	/ngolda/ (<i>sábio</i>)	/t ^h e:re: / (<i>rosto</i>)
Velar	/kalon/ (<i>belo</i>)	/gar/ (<i>pois</i>)	/erk ^h omaj/ (<i>venho</i>)	/kelun/ (<i>rio</i>)	/gilja/ (<i>estrela</i>)	/k ^h otse: / (<i>assembléia</i>)

Tabela 5: Exemplos de ocorrências das oclusivas no EP e no grego

	Surda	Sonora	Sonora aspirada
Labial	p	b	b ^h
Alveolar	t	d	d ^h
Palatal	k ^j	g ^j	g ^j h
Velar	k	g	g ^h
Labiovelar	k ^w	g ^w	g ^{wh}

Tabela 6: Oclusivas presentes no PIE

	Surda	Sonora	Sonora aspirada
Labial	/pet/ (voar)	/leb/ (boca)	/alb ^h o/ (branco)
Alveolar	/putlo/ (menino)	/ped/ (pé)	/d ^h euh (fumar)
Palatal	/dek ^j m/ (dez)	/g ^j onu/ (joelho)	/b ^h erg ^j h/ (alto)
Velar	/ken/ (novo)	/jogóm/ (unir)	/g ^h ans/ (ganso)
Labiovelar	/kjek ^w / (excremento)	/g ^w ow/ (bovino)	/g ^{wh} en/ (sorriso)

Tabela 7: Exemplo de ocorrências das oclusivas em PIE

Acima listo também as oclusivas do PIE com o intuito de indicar um possível motivo para que a distribuição do PIE (língua que possuindo o mesmo papel do EP em sua

família e as mesmas vogais, poderia ter também, a mesma distribuição de oclusivas) não ser a utilizada por Tolkien. Este teria preferido utilizar a distribuição das oclusivas no grego, tendo percebido o quão *anti-natural* é a distribuição que antigamente era proposta pelos proto-indo-europeístas. É esperada, para o sistema fonológico das línguas, uma distribuição com as contrapartes sonoras e surdas, ou então somente a presença das surdas. Neste caso, os teóricos da língua hipotética propuseram exatamente o contrário para a distribuição das oclusivas aspiradas: existiriam as sonoras, as surdas não. Outro elemento que ainda contradiz essa hipótese é a impossibilidade de o trato vocal humano produzir ao mesmo tempo um som sonoro e aspirado. Para produzir a sonoridade, as pregas vocais devem vibrar; para produzir a aspiração, elas devem se afastar, e estes movimentos são impossíveis de se realizar concomitantemente.⁶ Mais uma vez, chamo a atenção para a perspicácia de Tolkien, que mesmo tendo, aparentemente, adotado o PIE como modelo do EP, não usou para sua língua determinados traços, no mínimo, discutíveis.

Quanto às oclusivas, dentro do próprio grego e da família élfica, notamos que sua evolução se dá de forma semelhante, porém não exatamente igual. Em ambas as famílias a evolução é marcada pelo processo de *fricativização* de determinado conjunto de oclusivas. No entanto, em quenya, fricativizam as surdas-aspiradas do EP, gerando de /p^h/, /t^h/, /k^h/; /f/, /s/, /h/, respectivamente. Já no Grego moderno, além das surdas aspiradas, as sonoras também fricativizaram gerando /f/, /θ/, /x/.

EP / GREGO	GREGO MODERNO	QUENYA
/p ^h /	/f/	/f/
/t ^h /	/θ/	/s/
/k ^h /	/x/	/h/

Tabela 8: Comparação da evolução das oclusivas surdas aspiradas

⁶ Apesar de existirem oclusivas sonoras aspiradas no sânscrito, isto não me parece suficiente para considerar natural esse modo de realização. O sânscrito também é uma língua com pronúncia reconstituída e provavelmente a aspiração era produzida logo depois da produção da oclusiva sonora.

GREGO	GREGO MODERNO
/p ^h ilosop ^h ia/ (filosofia)	/filosofia/ (filosofia)
/agat ^h a/ (bens)	/agaθa/ (bens)
/k ^h ɔ:ra/ (país)	/xora/ (país)

Tabela 9: Ocorrências das oclusivas surdas aspiradas e suas evoluções nas línguas gregas

EP	QUENYA
/p ^h ind:e/ (trança)	/finde/ (cabelo, trança)
/t ^h aura:/(detestável)	/saura/ (imundo, podre)
/k ^h o:gore:/(Coração)	/huore/ (coração)

Tabela 10: Ocorrências das oclusivas surdas aspiradas e suas evoluções nas línguas élficas

Vejamos mais demoradamente a evolução das surdas aspiradas, grupo onde há mudança na evolução em ambas as famílias. Nos dois casos, há a fricativização, ou seja, a muda o modo de articulação da consoante. No entanto o ponto de articulação ou é mantido, ou sofre uma alteração pequena. /p^h/, /t^h/, /k^h/, são, respectivamente, bilabial, alveolar e velar. /f/, /s/, /h/, labiodental, alveolar, glotal. E /θ/, /θ/, /x/, labiodental, dental, velar. Notamos que quando há mudança no élfico, a consoante anterioriza, porém no grego isto não é tão regular, o /p^h/ anterioriza, mas o /k^h/, posterioriza.

No grego, há que se considerar que a evolução das aspiradas para as fricativas tem um paralelo com a evolução das sonoras para fricativas, criando um sistema absolutamente simétrico. Se o [t^h] evoluísse para [s], o [ð] ficaria sem correspondente sonoro.⁷ Veja a evolução e sua realização nas tabelas abaixo.

⁷ No caso do Espanhol ocorreu exatamente o mesmo. As sonoras evoluíram para fricativas. O [v] se confunde com o [β]; e o [ts], bem como o [dz], se confunde com o [θ], se tornando o par simétrico de [ð]. No Português, como não houve a evolução para fricativas, bem como, não houve a aspiração das pós-alveolares, o sistema se estabilizou em [f] e [j], [v] e [ç].

GREGO	GREGO MODERNO
/b/	/v/
/d/	/ð/
/g/	/ɣ/

Tabela 11: Evolução das oclusivas sonoras nas línguas gregas

GREGO	GREGO MODERNO
/ b iblio/ (livro)	/ v ivlio/ (livro)
/delta/ (delta)	/ðelta/ (delta)
/grama/ (letra)	/ɣrama/ (letra)

Tabela 12: Ocorrências das oclusivas sonoras nas línguas gregas

Embora essa não seja uma mudança ocorrida nas línguas élficas, achei pertinente ao menos citar toda a evolução das oclusivas das línguas gregas.

III. ALOFONIA

Mais um fato que mostra a preocupação de Tolkien em fazer suas línguas muito próximas às reais é a alofonia entre z/s presente em EP. Quando /s/ ocorre antes de uma oclusiva sonora é realizado como [z], como em /mizde:/ (chuva fina) e /ezde:/ (tranqüilidade). Tal fato é fonologicamente esperado e também ocorre em PIE, por exemplo, em /nizdos/ (ninho) e /mezg-/ (desnudar).

CONCLUSÃO

A partir desses apontamentos, acredito já ser notável a acuidade do trabalho de Tolkien e quanto suas línguas, no que diz respeito ao nível fonológico, se aproximam das reais. No entanto, entendo que, para dizer se de fato línguas élficas se comportam como naturais, um estudo sobre outros níveis, como o morfológico e o sintático, também precise

ser feitos. Um estudo tipológico das línguas comparado a outros estudos evidenciaria com mais propriedade a *naturalidade* destas línguas inventadas. Trabalhar com aspectos não tão pontuais seria uma saída. No entanto, entendo que um trabalho como este é necessário para chamar a atenção para esta possibilidade de estudo e começar a levantar possíveis traços de análise.

Acredito ser ainda relevante notar como Tolkien dá um passo adiante de seu tempo em especial na questão das oclusivas do EP. Isto não seria notável a não ser através de um estudo que se preocupasse com suas línguas e que mostrasse pontualmente o quanto a afirmação de Tom Shippey, professor de inglês antigo e literatura inglesa em Oxford, de fato se mostrou real:

*“Está claro que os idiomas que Tolkien criou foram criados por, vocês sabem, um dos mais completos filólogos de nosso tempo, de modo que deve haver então algo de interessante neles, e eu também penso que neles está derramado muito do seu pensamento e conhecimento profissional, (...) Frequentemente tenho reparado que realmente existem observações muito valiosas sobre o que Tolkien pensava sobre a filologia real enterrada na ficção. E eu não ficaria de maneira alguma surpresa se houvesse valiosas observações enterradas nos idiomas inventados. Então deve haver, de fato, algo que surja deles.”*⁸

Desta forma, estas criações merecem ser revistas, embora não sejam a parte mais conhecida e, talvez, a mais relevante de seu trabalho.

REFERÊNCIAS

COMRIE, Bernard. **The Indo-European Linguistic family: Genetic and Typological Perspectives**. In RAMAT, Anna Giancalone; RAMAT, Paolo (eds). **The indoeuropean languages**. London/New York: Routledge, 1998.

FAUSKANGER, Helge Kåre. **Curso de Quenya: a mais bela língua dos elfos**. Trad. Gabriel O. Brum. Arte & Letra, 2004, Curitiba.

⁸ Entrevista realizada durante um simpósio Arda, em Oslo, de 3-5 de abril de 1987, publicada no jornal Angerthas, edição 31.

FREIRE, S.J. Antônio. **Gramática grega**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LARIOS, Gonzalo (org). **Tolkien, Raices y Legado**. Centro de Estudios Bicentenario - Universidad del Desarrollo: Santiago, 2005.

PERFEITO, Abílio Alves. **Gramática do Grego: Curso Complementar do LICEUS**. 4 Ed. Porto: porto Editora LTDA, 1974.

Tolkien, J.R.R. **O Silmarillion**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

VILLAR, Francisco. **Lenguas y pueblos indoeuropeos**. Ediciones ISTMO: Madri.

WATKINS, Calver. **Proto-Indo-European: Comparison and Reconstruction**. In RAMAT, Anna Giancalone; RAMAT, Paolo (eds). **The indoeuropean languages**. London/New York: Routledge, 1998.

http://en.wikipedia.org/wiki/Greek_alphabet

Enciclopédia de Valinor. Disponível em <http://enciclopedia.valinor.com.br/index.php/Tolkien> > Acesso em: 09 out. 2005, 09:40:52.